

RESENHA DO LIVRO *OUTRAS VOZES*, DE ÂNGELO MONTEIRO

MONTEIRO, Ângelo. **Outras Vozes**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, 184p.

Por Jéssica Cristina dos Santos Jardim¹

A voz literária é expressão de singularidade, é personificação de um sujeito e de seu discurso, é expressão de uma personalidade criadora ou artística. Se, primordialmente, é signo da presença de um corpo que criava e materializava sua poética, no percurso vital a voz transmuda-se pela ausência ou desaparecimento do autor. Nessa conversão, porém, torna-se presença-ausência, pois a voz do escritor permanece sempre como um prolongamento seu, sem termo, no texto escrito.

Outras vozes, recente publicação do poeta, crítico, professor e filósofo Ângelo Monteiro, saída pela Editora Universitária da UFPE em 2012 (EDUFPE: Recife, 184 páginas), traduz, a partir mesmo de seu título, a proposta bem cumprida de seu autor. E, de fato, os títulos de livros – quer estes se tratem de material crítico, quer literário – têm em geral o intuito de promover uma identificação entre si – seu enunciado – e seu referente.

A primordial das vozes entre *outras* é a de seu próprio autor. Nascido em Penedo, Alagoas, Ângelo Monteiro radicou-se pernambucano no ano de 1971, dedicando-se por anos ao ensino de Estética e Filosofia da Arte na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Destacando-se na cena intelectual e literária do país, o poeta publicou vasta obra poética e ensaística, em livros como *Proclamações do verde* (1969), *Didática da esfinge* (1971), *Armorial de um caçador de nuvens* (1971), *O inquisidor* (1975), *O rapto das noites ou o sol como medida* (1983) e *O exílio de babel* (1990).

Como esclarece Ângelo Monteiro, no prefácio mesmo do livro, *Outras Vozes* surge com o intento de esboçar uma fisionomia literária de Pernambuco, sobretudo, mas também de outros estados do Brasil e, em menor medida, das literaturas produzidas em terreno português e angolano. Dentro do conjunto de quarenta e três ensaios que compõe o livro, somos convidados a percorrer com o autor algumas das principais obras da

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora do grupo História, Teoria e Crítica do Teatro (UFPE/CNPq).

literatura produzidas no século findo. Recorrendo a seu duplo olhar de crítico e poeta, Ângelo Monteiro apresenta a seus leitores vozes como as de Ariano Suassuna, César Leal, Lucila Nogueira, Mauro Mota, Daniel Lima, Marcus Accioly, Débora Brennand, José Rodrigues de Paiva, José Carlos Targino, Janice Japiassu e José Mario Rodrigues. Dentre estas vozes, tentaremos dar uma tênue ideia de alguns dos ensaios que compõem o livro.

No ensaio intitulado **Roteiro e Chaves d’A Pedra do Reino**, Ângelo Monteiro nos apresenta uma das obras de Ariano Suassuna. Para o poeta, *A pedra do Reino* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1971), muito além de uma obra-prima de nossa literatura, é uma revelação mística, sem se tratar, contudo, de uma obra religiosa, e nem estritamente literária. Para Monteiro, nela articulam-se pelo menos três sentidos: o poético, o filosófico e o sagrado. Segue-se a esse o ensaio **César Leal e a sombra de Tirésias**, concernente a *O arranha-céu e outros poemas* (1994), obra do recentemente desaparecido poeta César Leal. Indicando as várias direções de seu fazer poético, em suas relações com o elemento clássico – metáfora de Tirésias –, Monteiro nos expõe um César Leal personificado como poeta-esteta, preocupado com a teoria da poesia, e ao mesmo tempo materializador das relações entre poesia e ciência e poesia e numerologia, tendo a constelação como modelo de criação poética.

No comentário crítico **Deborah Brennand ou a Poesia como um Pássaro Vivo**, Ângelo Monteiro apresenta a obra *Pomar de Sombras*, de 1995. Evocando sua capacidade de criação e articulação poética, além do que nomeia sua dignidade na escolha e no desenvolvimento de temas na poesia, Ângelo Monteiro ressalta sua captação do indizível e a feminilidade de seus versos, que, contudo, não se perdem em traços de alguma dicotomia masculino-feminino. Mais adiante, podemos ler **A Música do Silêncio ou A Soletração da Palavra**, ensaio no qual o poeta nos põe diante das singularidades da obra de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, a partir do que nomeia o exercício de sua profissão de fé na palavra. As experiências poéticas e vitais da autora se identificam e articulam em suas criações textuais, desde as mais conceituais às mais líricas.

Em **Da Existência e da Musicalidade à Procura do Órfico**, somos postos diante de três importantes poetas da chamada geração 60-65: José Mário Rodrigues, Janice Japiassu e José Carlos Targino. No ensaio em questão, Ângelo Monteiro une os escritores, articulando suas obras poéticas, respectivamente, por suas buscas pelo existencial, pelo matiz musical e pelo elemento poético órfico. Segue-se a esse **O Jogo do Cotidiano com O Transcendente na Poesia de Mauro Mota**, poeta de Nazaré da Mata. Considerando-o um dos maiores poetas elegíacos em língua portuguesa, por ultrapassar o plano do descritivo para o fantástico, do sensível ao espiritual e, por fim, do imanente ao transcendente, Ângelo Monteiro nos apresenta a transposição do sustentáculo regional para o transcendental como marca da poesia desse autor. No ensaio seguinte, **A Memória de Sísifo num Poeta Luso-Brasileiro**, Ângelo Monteiro nos apresenta o livro *Memórias do navegante* (2000 [1976]), do poeta José Rodrigues de Paiva, uma das principais obras de sua geração. É, para Monteiro, o poema do emigrante, mas também o poema da palavra, empreendendo, sobretudo, uma navegação pela poesia. Em seu caráter, entre lírico e épico, em seu tom existencial, o poeta apreende-se do mito de Sísifo para reconstituir suas

memórias de juventude, articulando organicamente a estas a procura da poesia pelo trabalho poético.

Seguem-se então a estes outros comentários, outras *vozes* às já presentes nos supracitados ensaios: **Releitura de Nelson Saldanha: O Poeta; Alcântara ou a Poesia do Tempo em José Chagas; A Nave Órfica de Santo Souza; Nauro Machado: Ímpar na Poesia; De Salamargo ao Expresso na Noite; Sísifo: As Vozes do seu Tempo; Do Abstrato à Infância como Arquétipo; Desolado Lobo e a Solidão da Poesia; Dois Livros de Lucila Nogueira; Teoria e Palavra Ou O Diálogo do Som com o Sentido; A Nudez na Rota da Poesia; As Memórias da Pele e a Pele da Memória; Testemunho Sobre Yacala; Sobre uma Noite de Lendas; A Poesia à Sombra da Árvore da Vida; As Crônicas do Marco Zero; Tempo e Vanguarda; A Poesia do Menos numa Crítica do Mais; A Importância do Regionalismo no Romance Brasileiro; A Vida Apagada de Fernando Pessoa; O Tempo e o Sonho em Proust; As Feras Mortas de Maximiano Campos; Entre o Histórico e o Mítico; A Dança das Noites e dos Dias; O Preço da Missa; A Poesia como Visão Interior; O que te trai, o que te cala; Cícero Melo e a Escuridão da Poesia; Os Arcanos de um Poeta; Um Poeta Independente; Os Ventos da Poesia; O Sentido de um Zoo Imaginário; A Poesia Cromática de Garibaldi Otávio; Antônio Botelho e o Naufrágio da Infância; O Poema do Despertar; Daniel Lima e o Sono de Deus.** Por fim, segue-se breve nota biobibliográfica de Ângelo Monteiro.

Em uníssono, essas vozes poéticas terminam por formar um coro, de vozes singularizadas, é certo, e regidas em *Outras Vozes* pela própria experiência crítica e poética de Ângelo Monteiro. Pelo trabalho de busca e pelo exercício poético de cada um dos escritores que tão agudamente elenca, Monteiro, emprestando à sua escrita ensaística sua mesma veia poética, apresenta aos intelectuais e estudiosos da literatura, assim como ao grande público cioso da arte, em que bases se funda nossa tradição literária, já estabelecida, no estado de Pernambuco, e seu destaque vivaz, no qual ele mesmo se insere, dentro da produção literária e da tradição nacionais.